

Contas externas preocupam, diz secretário

Mendonça de Barros acha que ainda há tempo para reverter tendência de déficits

BEATRIZ ABREU

BRASÍLIA — O primeiro ano do Plano Real fecha com um saldo positivo no combate à inflação, mas com uma situação “longe do confortável” nas contas externas, devido aos sucessivos déficits na balança comercial, admitiu ao **Estado** o secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda, José Roberto Mendonça de Barros. Ele não arrisca nenhuma previsão sobre o resultado da balança comercial este ano, mas está realista.

“Não sei se será negativo ou positivo”, admite Mendonça de Barros.

Ele deixa claro, no entanto, a confiança de que ainda há tempo suficiente para reverter a tendência de déficits mensais, independente do resultado anual do comércio exterior.

O saldo comercial do País tem sido negativo desde novembro. A previsão para junho é de US\$ 1 bilhão, com o acumulado de US\$ 4,5 bilhões no período.

A sua única estimativa é com

relação ao desempenho das exportações, que deverá superar a marca dos US\$ 44 bilhões ainda este ano.

Crescimento — A economia deverá fechar este ano com um crescimento de 6% do Produto Interno Bruto (PIB), podendo recuar para 5% de expansão no segundo ano do Plano Real. O comportamento da inflação também será semelhante. Este ano, o País acumulará uma inflação de cerca de 26%, com taxas mensais oscilando entre 1% e 2%, o que impediu, inclusive, que o governo fosse mais ousado no programa de desindexação da economia.

Para 1996, as estimativas oficiais são praticamente as mesmas, com uma diferença: o governo deverá ser menos rigoroso na restrição ao crédito.

“Não é intenção promover uma quebraadeira”, garante Mendonça de Barros.

Situação desconfortável — A maior dificuldade, então, residiria no problema das contas externas. Mendonça de Barros admite que se enfrenta um situação “desconfortável” no balanço de pagamentos, mas aposta que o País viverá “momentos de maior tranquilidade”, na medida em que o governo encontrará meios para financiar o balanço de pagamentos.

“Tenho convicção de que o saldo comercial vai melhorar”, disse ele. Além disso, lembra que, pela primeira vez em 15 anos, o mercado internacional está mais favorável ao Brasil e o País conseguiu um bom desempenho na colocação de US\$ 914 milhões em títulos do Tesouro no Japão e US\$ 817 milhões na Alemanha, as duas primeiras operações externas feitas desde a moratória decretada em 1986. “O financiamento do balanço de pagamentos será relativamente tranquilo em 95”, acredita.

Exportações — Mendonça de

Barros aposta, ainda, em alguns fatores que, na sua avaliação, influenciarão na reversão do déficit comercial. As exportações vão crescer e manter os recordes mensais observados até agora, ao mesmo tempo em que haverá uma natural retração das importações, porque o nível da atividade interna será menor no segundo semestre.

Assim, a estratégia de recuperação das contas externas do País tem como pano de fundo a desaceleração da economia. A previsão de um crescimento econômico conserva, agora, uma meta mais modesta: os 10% de crescimento no primeiro trimestre vão ceder lugar a um resultado anual de cerca de 6%, na avaliação do secretário.

Tendência — Esta previsão reforça a tese de que como a economia estará correndo a um ritmo menos acelerado, os tetos mensais das importações cairão naturalmente. A este dado se soma o fato de que as empresas estarão com estoque suficiente, inclusive de produtos importados, sem uma demanda aquecida internamente. Exemplo é o caso das montadoras, que já encontram dificuldades para vender os carros que importaram.



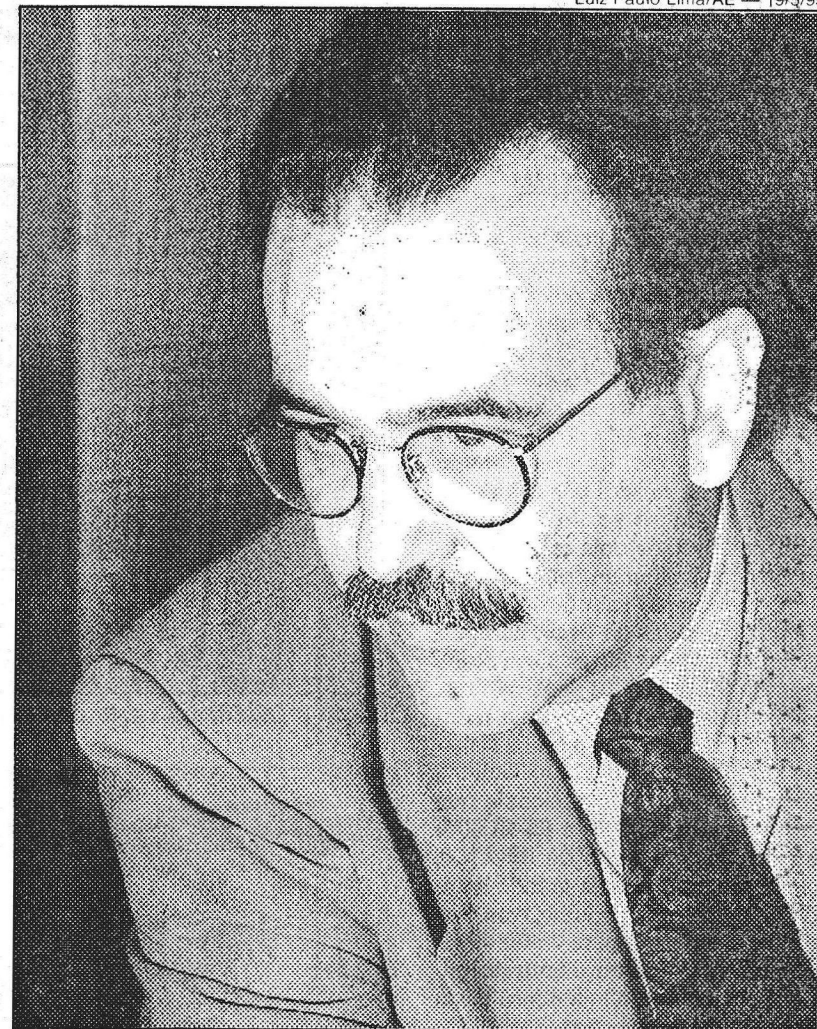
BRASIL REAL

RESTRIÇÕES

AO CRÉDITO

SERÃO

MENORES EM 96



Mendonça de Barros: “Não é intenção promover quebraadeira”